

ANO 12 NÚMERO 17

CADERNOS SESC DE CIDADANIA

Lixo: menos é mais. Ação e educação para sustentabilidade | 2021

sescsp.org.br

Sesc 75 ANOS

Dez anos do Lixo: menos é mais { ESPECIAL: O que estamos aprendendo com o nosso lixo
{ INTERVENÇÃO: “À deriva”, de Jaime Prades, e os riscos das escolhas insustentáveis { ENTREVISTA:
“É preciso compartilhar as responsabilidades”, alerta o professor Flávio de Miranda Ribeiro
{ UMA CONVERSA COM: LENINE “Nosso resíduo diz muito sobre quem somos” { DEPOIMENTOS:
Pensamento coletivo e mão na massa nas cooperativas de triagem de materiais recicláveis



**AVES DO
SESC BERTIOGA**



**A VINGANÇA
DE PLATÃO**
William Ophuls



PANTANAL
João Farkas



**CADEIA DE
RECICLAGEM**
Jacques Demajorovic
Márcia Lima

As Edições Sesc publicam livros em diversas áreas do conhecimento e ampliam os diferentes debates propostos pela ação do Sesc em seus centros culturais e desportivos no Estado de São Paulo.



CAMINHOS DA SUSTENTABILIDADE

Danilo Santos de Miranda
Diretor do Sesc São Paulo

A PANDEMIA DE COVID-19 TROUXE IMENSOS DESAFIOS ÀS PESSOAS, ÀS empresas e às instituições de maneira geral. Sem aviso prévio, foi necessário recriar processos e ressignificar sentidos no universo do trabalho e do lazer, no cuidado com a saúde, nas práticas de atividades físico-esportivas e de fruição cultural. O momento exigiu esforços individuais e coletivos para abandonar velhos hábitos e transformar radicalmente modos de fazer, de forma a garantir a preservação da própria vida. Ao mesmo tempo, o período tem sido vivido de maneira distinta pelas diferentes camadas da população, explicitando-se o fato de que crises dessa magnitude agravam ainda mais as condições de vulnerabilidade.

É oportuno evocar esse contexto para refletir sobre os caminhos da sustentabilidade, que exigem um empenho urgente para conciliar conservação da natureza e desenvolvimento humano. A força do conceito está justamente em sua amplitude, ao envolver aspectos não apenas ecológicos, mas também econômicos, sociais, políticos e culturais. Numa empresa ou instituição, tais caminhos passam por alterações nas cadeias de produção e escolhas que vão desde o estabelecimento de condutas cotidianas até a edificação de estruturas adequadas.

No caso do Sesc, o programa *Lixo: menos é mais* opera como enquadramento à atuação mais ampla de promoção de bem-estar social. Em curso há mais de dez anos, visa a redução e destinação responsável de resíduos, a reutilização de materiais e o desenvolvimento de ações educativas e de comunicação. Isso é feito em um constante processo de diálogo, revisão de práticas, aproximação de parceiros – incluindo vínculos com dezenas de cooperativas e associações de catadores e de triagem de materiais recicláveis – e sensibilização dos profissionais e frequentadores. Recentemente, como resultado direto do programa, e para citar apenas um exemplo, suspendemos a compra e a venda de água engarrafada sem gás em nossas instalações, o que possibilitou uma diminuição da geração de mais de dois milhões de embalagens plásticas por ano e garantiu acesso gratuito a um item que deve estar assegurado a todos.

Trabalhamos com a perspectiva de trocas de conhecimentos e experiências que possam melhorar a qualidade de vida e o ambiente em que vivemos. Nada disso teria sido possível sem o protagonismo das pessoas. É para elas que existimos há mais de 70 anos, e são elas que agem nos processos mais profundos de transformação das realidades. ■

Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo:



p.5

artigo Sesc

A transversalidade do programa Lixo: menos é mais

p.8

reportagem especial

Desafios e aprendizados da sociedade em sua relação com os resíduos

p.20

intervenção

Instalação que Jaime Prades montou no Sesc Pompeia às vésperas da pandemia, “À deriva” alerta para o risco das más escolhas e sintetiza o desastre ambiental

p.24

entrevista

Educação ambiental, motivação e esforço para abrir mão de algum conforto são as chaves para a mudança, diz o professor Flávio de Miranda Ribeiro

p.28

uma conversa com

O músico e escritor Lenine fala sobre lixo da cozinha, exaustão do planeta e o que fazer para ter esperança

p.32

depoimentos

Trabalhadores de cooperativas de reciclagem relatam experiências de engajamento e aprendizado



Foto: Lúcio Érico/Sesc



Foto: Tarcila Tronca



Foto: Arquivo pessoal de Raquel Moraes

Expediente

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES
COMUNICAÇÃO SOCIAL Ivan Giannini
TÉCNICO-SOCIAL Joel Naimayer Padula
ADMINISTRAÇÃO Luiz Deoclécio Massaro Galina - ASSESSORIA
TÉCNICA E DE PLANEJAMENTO Sérgio José Battistelli

Cadernos Sesc de Cidadania

Lixo: menos é mais

GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS
Hélcio Magalhães
ADJUNTA Karina Musumeci
ASSISTENTES Ana Paula Fraay, Cesar Albornoz, Gislene Lopes e Rogério Ianelli
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO PARA SUSTENTABILIDADE E CIDADANIA
Denise de Souza Baena Segura
ADJUNTO Fabio Luiz Vasconcelos
ASSISTENTE Ana Emília de Silos Cruz
GERÊNCIA DE PATRIMÔNIO E SERVIÇOS
Nelson Soares da Fonseca
ADJUNTO Márcio Donisete Lopes
ASSISTENTE Márcio França

EDITOR Caco de Paula PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Márcio Freitas REPORTAGEM Afonso Capelas, Luciana Vicária e Kadija de Paula revisão Isabel Cury TRATAMENTO DE IMAGEM Edson Sales.

A revista Cadernos Sesc de Cidadania é uma publicação do Sesc São Paulo. Distribuição gratuita.

Impresso em Março de 2021
Tiragem: 2.000 exemplares

Acesse a versão on-line e baixe a versão PDF desta revista em sescsp.org.br

Sesc São Paulo
Av. Álvaro Ramos, 991
03331-000 São Paulo - SP
Tel.: (11) 2607-8255

sescsp.org.br



artigo Sesc

VALORES, ESCOLHAS E COMPROMISSOS

Ana Emília Cruz e Márcio França*

A NATUREZA NOS ENSINA QUE TUDO SE TRANSFORMA, TUDO FLUI EM UM constante devir. A própria compreensão desse estado de impermanência é uma poderosa ideia capaz de levar o ser humano atual e as próximas gerações a uma relação mais equilibrada com o planeta. Sustentabilidade é um conceito amplo, que envolve não apenas as questões ambientais, mas também aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais. Essa ideia vem se incorporando, pouco a pouco, no cotidiano das pessoas e chegando aos modos de existir nas cidades, nas empresas e nos governos.

O cotidiano nas cidades nos convoca a engendrar novos modos de agir, desde planejar e propor políticas públicas até organizar iniciativas privadas ou de outros grupos engajados, que estimulam a promoção da qualidade de vida, garantindo às pessoas direitos à cidade, como habitar, usufruir, ocupar, produzir, e assim por diante. Parte desse plano consiste em olhar para o território e criar estratégias para

diminuir impactos socioambientais.

São bem conhecidas e recomendadas algumas práticas que podem ser adotadas, nas esferas pública e privada, como o uso racional dos insumos ou bens naturais; a utilização de fontes renováveis de energia; a colaboração para a distribuição de renda mais justa, com iniciativas e políticas públicas voltadas à inclusão social e ao desenvolvimento da sociedade, priorizando fornecedores locais e pequenos, por exemplo.

Em uma escala individual, porém, em diálogo com o coletivo, podemos fazer escolhas mais sustentáveis, tais como analisar a real necessidade de novas compras; evitar o uso excessivo de embalagens; rejeitar produtos que são usados por pouco tempo e logo jogados fora, como os descartáveis de uso único; prolongar a vida útil dos objetos; separar e encaminhar de forma responsável os resíduos recicláveis, compostáveis e os rejeitos; mobilizar e envolver outras pessoas a fazer o mesmo.

O Lixo: menos é mais está baseado na corresponsabilidade e participação dos integrantes dos grupos gestores que, com suas equipes, fazem o programa acontecer nas unidades do Sesc

CORRESPONSABILIDADE

A sustentabilidade está presente nas diretrizes e objetivos do Sesc São Paulo, que desenvolve um trabalho educativo permanente por meio de trocas e construção de conhecimentos e experiências que possam melhorar a qualidade de vida das pessoas e do ambiente em que vivem. O programa de Educação para Sustentabilidade do Sesc entende que:

“(...) a responsabilidade com a conservação da natureza, aliada ao desenvolvimento humano, representa a base da ação socioambiental do Sesc. Processos educativos que discutem a interdependência entre sociedade e ambiente são desenvolvidos em favor de modos de vida mais sustentáveis. Estratégias diferenciadas e contínuas, dirigidas a diversos públicos, contribuem para a formação de sujeitos conscientes para a transformação da realidade, priorizando o contexto territorial, a diversidade cultural, a participação cidadã e o cuidado com as pessoas e a natureza”.

Consumo, geração e destinação de resíduos são temas essenciais na educação para a sustentabilidade. No ano de 2020 o programa de minimização e destinação responsável de resíduos do Sesc São Paulo *Lixo: menos é mais* completou dez anos de existência. Nos dois anos anteriores ao lançamento do programa, foi implantado como projeto piloto em duas unidades e na Administração Central. Ao longo desse tempo foram implantadas diversas estratégias para aplicar,

internalizar e externalizar parâmetros ambientais e tornar mais evidente a responsabilidade social e ambiental presente no cotidiano da instituição.

Em sua perspectiva de atuação, é possível fazer coisas diferentes, identificando oportunidades e caminhos para melhorar as condições de trabalho relacionadas à gestão dos resíduos, identificando situações, encontrando e propondo novos caminhos e alternativas para aquilo que não está de acordo com os valores da instituição. Como o tempo tem mostrado, não é um programa passageiro; é permanente e se destaca como um instrumento que reafirma e revela qual é o compromisso da organização.

O *Lixo: menos é mais* está baseado na corresponsabilidade e participação dos integrantes dos grupos gestores que, com suas equipes, fazem o programa acontecer no Sesc. São profissionais que atuam nas mais diversas frentes de trabalho, responsáveis pela realização do programa.

Em pouco mais de uma década, vários processos foram desenvolvidos e consolidados, tais como:

- retirada de todos os cestos individuais das estações de trabalho, salas de reuniões e de outros espaços e adoção de duplas de cestos (recicláveis e não recicláveis), o que imprime a responsabilidade da correta triagem do resíduo por parte daquele que gera o material;
- informações sobre o programa a todos os empregados, prestadores de serviço continuado, terceiros e público frequentador do Sesc, em

O êxito do programa está diretamente relacionado à ampla participação dos próprios geradores, sejam funcionários ou frequentadores

- linguagem de fácil compreensão e com uso de imagens e símbolos;
- parcerias com dezenas de cooperativas ou associações de catadoras e catadores com a doação dos materiais recicláveis gerados nas unidades;
- trabalho permanente de educação para a sustentabilidade, com comunicação visual e atividades educativas para os funcionários;
- oferecimento de programações socioculturais destinadas a diferentes públicos;
- implantação do projeto Água de Beber, em que se deixou de comercializar água engarrafada sem gás em todas as Unidades do Sesc no estado de São Paulo.

O êxito do programa está diretamente relacionado à ampla participação dos próprios geradores, sejam funcionários ou frequentadores, o que requer um plano de comunicação e ações educativas abordando questões ambientais e o papel da coletividade em relação aos resíduos em seus aspectos ambiental, sociocultural, econômico e político.

TRANSVERSALIDADE

A metodologia de trabalho se constitui por meio da transversalidade das suas atividades, que promovem não só a difusão de informações, mas, sobretudo, a sensibilização das pessoas, estimulando a mudança de valores, sentimentos e atitudes em relação ao consumo e descarte de materiais. Busca-se a efetiva participação das pessoas, com enfoque na corresponsabilidade dos envolvidos. Sua perspectiva

transversal diz respeito à discussão e integração de critérios orientadores para as áreas de infraestrutura, administração, comunicação, operação e ação sociocultural, de modo a garantir que a temática da sustentabilidade seja abordada.

Na perspectiva de difusão de boas práticas e relacionamento com o público prioritário — trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo —, a experiência institucional tem sido levada como modelo para outras instituições e empresas. Um exemplo disso são os encontros com representantes de dezenas de empresas com a temática “Aspectos econômicos, sociais e ambientais da gestão de resíduos nas empresas: sua atitude é transformadora”.

Desenvolver processos educativos que visam repensar o padrão de consumo; compreender o descarte seletivo e toda a cadeia que envolve a geração e destinação de resíduos, incentivando posturas mais conscientes em relação ao impacto da ação humana sobre o ambiente; definir parâmetros conceituais e operacionais para a gestão integral de resíduos gerados em todas as atividades do Sesc, aperfeiçoando o sistema existente; fortalecer o conceito de minimização de resíduos como foco da ação educativa e de gestão de materiais e produtos; e destinar com responsabilidade todos os resíduos são os objetivos do programa.

Estímulo ao senso de corresponsabilidade é um valor cultivado por esse programa. Espera-se que ele possa chegar a diferentes lugares formando novas ideias e pessoas para caminhos mais sustentáveis. ■

O QUE ESTAMOS APRENDENDO COM NOSSO PRÓPRIO LIXO

Nos dez anos do programa *Lixo: menos é mais*, um olhar sobre a atual produção de resíduos, os desafios para toda a sociedade e a importância da educação como base da mudança

texto: Afonso Capelas Jr. e Caco de Paula



Foto: Gabriel Jabur/Agência Brasília

Os aterros sanitários são feitos para conter o chorume, bem como os gases produzidos. A Política Nacional de Resíduos Sólidos, de 2010, propõe que os aterros substituam os lixões a céu aberto ainda em operação no país. Nesta imagem, aterro sanitário em Brasília, projetado para comportar 8,13 milhões de toneladas de rejeitos

O dia 8 de janeiro de 2021 marcou o início da Década da Ciência Oceânica instituída pela Organização das Nações Unidas (ONU). A intenção é aprofundar o conhecimento sobre os mares, ecossistema de importância vital para o planeta. Uma das frentes mais relevantes dessa abordagem é a avaliação de formas de reduzir ao máximo a poluição causada pelas atividades humanas. As águas salgadas espelham fielmente a nossa sociedade de consumo. Os oceanos foram transformados em gigantescos ralos por onde escoam diariamente, milhares de toneladas de resíduos depois que são despejados — não raras vezes intencionalmente — em rios e córregos. Muito do lixo que vai parar nas águas é proveniente de nossas próprias casas, não importa se estão em uma cidade litorânea ou no coração do continente. Entre restos de vidros, metais e outros produtos industrializados, os plásticos são os rejeitos mais encontrados nos oceanos. Grande parte poderia ter sido reduzida ainda no consumo, reutilizada antes de ser considerada resíduo ou, ainda, reciclada em vez de descartada.

Sabe-se que nas últimas décadas milhões de toneladas de lixo foram despejados nos mares. Não há números precisos. O certo, de acordo com a ONU, é que, se nada for feito, até 2050 teremos nas águas mais plásticos que espécies marinhas. Hoje mesmo já é possível encontrar enormes ilhas de material plástico boiando nos oceanos. “O plástico foi uma dádiva da nossa civilização, e também um fardo, porque só observamos sua praticidade, não seu dano ao ambiente. No litoral de muitos países, a poluição fez com que alguns tipos de plâncton proliferassem e consumissem todo o oxigênio, provocando a morte dos peixes. São zonas sem vida, e já existem centenas delas nos litorais do mundo”, disse a oceanógrafa e ambientalista norte-americana Sylvia Earle.

CONSCIÊNCIA E AÇÃO MUDAM A REALIDADE

Os pilares do *Lixo: menos é mais* são a redução e a destinação responsável de resíduos, a reutilização de materiais e estratégias educativas e de comunicação. **Veja a seguir alguns aprendizados e iniciativas do Sesc.**



Foto: Matheus José Maria

MENOS DESCARTÁVEIS

Iniciativa do programa eliminou a geração de mais de 2 milhões de embalagens de plástico por ano, com a suspensão da venda de água sem gás engarrafada em todas as unidades do Sesc no estado de São Paulo. Fruto de planejamento e articulação, a medida inclui garantia de **acesso livre e gratuito à água de beber** e ampla campanha de comunicação.



MAIS PARCERIAS

A doação dos materiais recicláveis gerados nas unidades do Sesc deu origem a parcerias com dezenas de cooperativas e associações de catadores e de triagem de materiais recicláveis, como a Cooperativa do Reciclador Solidário, em Piracicaba, onde trabalha **Ednalva Inês Correa Souza** (foto). Além da redução de impactos ambientais, as parcerias trazem oportunidade de renda para esses grupos.

Leia mais na página 32.

Foto: Arquivo pessoal



“CADA ATO CONTA, POR MENOR QUE SEJA”

Desde os tempos das cavernas a humanidade produz lixo. Quando a caça e a pesca rareavam em determinada região, os povos nômades deixavam tudo para trás e seguiam em busca de regiões mais fartas. Quase tudo: o resíduo — material orgânico — ficava e era decomposto pelo tempo. Mais tarde aprenderam a viver em sociedade produzindo utensílios. Aprenderam ainda a criar animais e cultivar plantas comestíveis. Com mais alimentos, as populações aumentaram e com elas também rastros intermináveis de resíduos por onde passavam. Ao longo da história os humanos passaram a viver em aldeias e cidades, que produziam grandes quantidades de rejeitos, ainda que basicamente orgânicos. Curiosamente, na Idade Média o lixo era relacionado a miséria, doenças, morte e pecado. Até que chegou a Revolução Industrial e, literalmente, transformou todo o cenário. A tecnologia permitiu a invenção de compostos químicos: plástico, borracha, cimento, novos metais, combustíveis e óleos minerais.

Desde então a geração de lixo saiu do controle, se é que havia algum. Um estudo feito pelo Banco Mundial em 2018 concluiu que a produção anual de resíduos sólidos no planeta já chegava então a 2,1 bilhões de toneladas e que até 2050 poderá alcançar 3,4 bilhões de toneladas por ano, um ritmo de crescimento muito maior do que o da população no mesmo período. Somente os brasileiros geraram 79,6 milhões de toneladas de resíduos sólidos em 2018, segundo a Associação Brasileira das Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe). Essa quantidade foi quase 13 milhões de toneladas maior que a de 2010. A continuar nessa progressão, a Abrelpe projeta para 2050 cerca de 120 milhões de toneladas de resíduos produzidos pelos brasileiros por ano, 50% mais que hoje. Como podemos impedir que essa

montanha de rejeitos continue crescendo e reverter o quadro? Fazendo a lição de casa, garantem os especialistas. “Cada ato conta, por menor que seja. É uma reflexão que deve ser feita; a ação de cada um ajuda”, confirma Flávia Lemes da Cunha, psicóloga, embaixadora do Instituto Lixo Zero Brasil e fundadora da Casa Causa, organização que propõe projetos e soluções para reduzir a geração de resíduos. O Sesc aderiu à responsabilidade de reduzir seu próprio lixo. Assim, em 2010 nasceu o *Lixo: menos é mais* (veja alguns destaques nos quadros ao longo desta reportagem) que promoveu um detalhado diagnóstico do descarte de rejeitos. A estruturação e implantação do programa se deu a partir do envolvimento e participação das equipes do Sesc e contou com a colaboração da bióloga, educadora ambiental e especialista em resíduos sólidos Patrícia Blauth (1963/2017). Ela sempre enfatizou a importância de dois valores fundamentais na prática educativa: o vínculo afetivo, para que as pessoas entendam que a cidade é dela e de todos; e o valor que cada indivíduo tem como agente de transformação. Em uma palestra sobre o assunto, ela sintetizou: “O que a gente precisa é de educação, ética, sensibilização, motivação, um padrão de produção e consumo responsáveis... e menos lixo!”

Nesses dez anos o programa de gestão dos resíduos do Sesc conquista bons resultados e traz algumas lições preciosas. Uma delas é que o aprendizado em favor da redução dos resíduos é contínuo e permanente. Atitudes foram transformadas dentro da instituição e até mesmo na vida pessoal de

EDUCAÇÃO PERMANENTE

Diante do desafio de mudar hábitos e atitudes, a prática socioeducativa torna-se estratégia permanente e envolve desde formações para os funcionários até atividades socioculturais e ambientais destinadas a diferentes públicos. Na imagem, publicação de 2019.

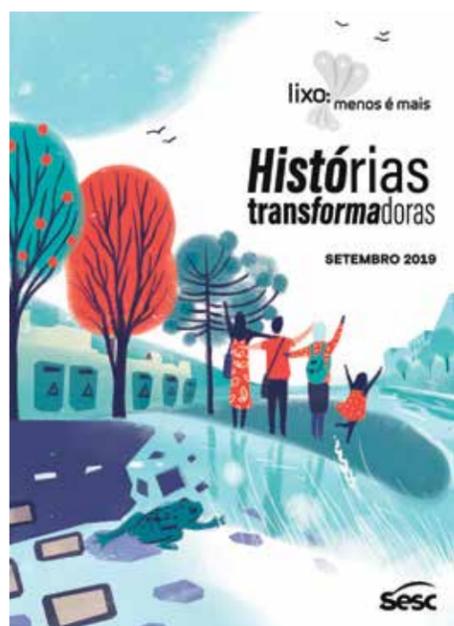


Foto: Reprodução

seus funcionários. Ter consciência de que o lixo descartado no cotidiano de cada um tem destino e consequências para a sociedade e o meio ambiente é imprescindível. “As descobertas desse trajeto mostraram que o engajamento no programa partiu da confiança de que as mudanças propostas têm fundamentos e são boas para as pessoas e para o ambiente: diminuem o desperdício, poupam água e energia, colaboram com trabalhadores da limpeza e muito mais”, explica Denise S. Baena Segura, gerente da Educação para Sustentabilidade e Cidadania do Sesc. “Tratar de resíduos é falar de coletivo, ciclo de vida, grandes somas (toneladas geradas, trabalhadores da reciclagem, investimentos em tecnologias e assim por diante. E é também falar de engajamento pessoal, pois cada atitude é transformadora e inspiradora em cada lar, em cada espaço público. Saber de onde vem e para onde vão as coisas que consumimos é muito revelador para as pessoas. Cria-se uma visão de que tudo está conectado e é compartilhado, portanto, diz respeito à coletividade.”

POR UMA CULTURA DO LIXO ZERO

Para que haja mudança efetiva é mesmo essencial entender que tudo o que é descartado no dia a dia vai para algum lugar. “Os resíduos não somem da porta de casa como mágica. Percorrem um longo trajeto até ser descartados, em muitos casos, ainda em lixões a céu aberto”, explica Edson Grandisoli, pós-doutor pelo Programa Cidades Globais do Instituto de Estudos Avançados da USP e diretor educacio-

“Saber de onde vem e para onde vão as coisas que consumimos é muito revelador para as pessoas. Cria-se uma visão de que tudo está conectado e é compartilhado, portanto, diz respeito à coletividade”

nal da Reconnecta, empreendimento social que traça projetos de educação para a sustentabilidade em escolas e empresas.

“Temos a oportunidade de sair de uma cultura de soma zero — em que um perde para outro ganhar — e transcender para uma cultura em que não só todos ganham como a natureza, nossa provedora, também”, diz Flávia Lemes da Cunha. Para a fundadora da Casa Causa, essa guinada de atitude pode livrar o planeta da sobrecarga a que tem sido submetido ano após ano com a exploração exorbitante dos recursos naturais, causada pelo excesso de consumo e, conseqüentemente, pela enorme geração de resíduos.

Edson Grandisoli acredita que a educação levará à mudança pretendida e necessária. Para ele, boa informação e envolvimento ativo das pessoas produzem motivação política numa comunidade. “Além de discutirem o tema com os alunos, as escolas podem criar projetos e programas que trabalhem todo o território onde estão, envolvendo pais, comerciantes e outras pessoas na direção da mudança de comportamento sobre consumo e descarte.”

Na prática, o aprendizado leva à transição de cada um para a comunidade e a sociedade em geral. Reduzir a quantidade de rejeitos e separar aqueles que podem ser reciclados é o começo. Flávia Lemes da Cunha concorda: “É importante discutir o assunto entre amigos, apresentar alternativas possíveis, propor desafios. Comece pela sua casa, escolhendo um dos cômodos onde observar o consumo e avaliar o que pode ser mudado nos seus hábitos”. Ela mesma começou

RESÍDUOS SÓLIDOS NO PLANETA EM 2018

NO MUNDO

Segundo o Banco Mundial

2,1 bilhões de toneladas

foi produção anual de resíduos sólidos no planeta

NO BRASIL

Segundo a Abrelpe, o Brasil produziu em 2018

79,6 milhões de toneladas

o que significa 13 milhões de toneladas a mais que em 2010

pelo banheiro a modificar seu consumo e reduzir o descarte. “Fui trocando produtos, substituindo por itens sem embalagens ou que não usam químicas pesadas, além de marcas que fazem a logística reversa da embalagem: sim, existem empresas que incentivam a devolução dos recipientes vazios de seus produtos com recompensas ou estímulos.”

Como embaixadora do Instituto Lixo Zero Brasil, Flávia acredita na transição para uma vida sem lixo. Mas ensina que é preciso ir além da separação de resíduos e das novas escolhas. Algum esforço e disposição extras são necessários nessa hora. “Vida lixo zero não é só trocar produtos, nem apenas reciclar e achar que resolve. É preciso reciclar e também mudar hábitos”, enfatiza.

DESAFIOS COLETIVOS

Dar o exemplo estimula outros a seguirem o mesmo caminho, garante Edson Grandisoli. “Busque cooperativas que possam recolher seus resíduos e proponha parcerias, caso o poder público não dê conta do recado no seu bairro. Viva bem com menos e vote em candidatos com uma agenda clara e assertiva sobre os desafios socioambientais; cobre resultados.” Ele resume: “Tudo isso dá trabalho, mas, se você acha importante, seja coerente e faça”.

Os impactos sociais e ambientais causados pelos resíduos fazem um tripe com os econômicos. Depois que o saco de lixo sai das residências, uma intrincada e onerosa logística é necessária para transportá-lo até a deposição final em lixões e aterros sanitários. O custo dessa operação, não raro, estoura o orçamento de muitas prefeituras Brasil a fora.

“Grande parte das despesas com a gestão dos resíduos está na estrutura de coleta, transporte, além da instalação e manutenção dos depósitos”, esclarece o economista e professor de

economia ambiental Jacques Demajorovic, especialista em projetos de gestão socioambiental.

Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração do Centro Universitário FEI, Demajorovic explica que nas metrópoles, como São Paulo, as áreas mais próximas para deposição de resíduos estão saturadas, em consequência do consumo frenético. “Os rejeitos, mesmo os que seguem para a reciclagem, precisam ser levados cada vez para mais longe das residências e das empresas onde são recolhidos. Isso demanda muito mais recursos dos orçamentos municipais.” É muito dinheiro que poderia ser despendido com educação e saúde, por exemplo. Ambientalmente, os lixões a céu aberto que ainda resistem no país — e não são poucos — apresentam uma série de problemas. Diferentes de um aterro sanitário, eles não têm qualquer tipo de preparação e cuidados para evitar o vazamento do chamado chorume, o líquido decorrente da decomposição de material orgânico. O chorume contamina o solo e os cursos d’água, polui o ar e causa doenças e epidemias porque atrai vetores como ratos e mosquitos. Os aterros sanitários são feitos para conter o chorume, bem como os gases produzidos, que podem até ser captados e aproveitados para geração de energia.

CATADORAS E CATADORES NO CENTRO DA CADEIA DE RECICLAGEM

A despeito dos impactos ambientais e financeiros negativos do excesso de resíduos, o Brasil tem resultados sociais favoráveis nas mãos das catadoras e dos catadores, demonstra Jacques Demajorovic. “Catadoras e catadores são o elemento central na cadeia de resíduos sólidos. Foram as primeiras pessoas a se interessar pela reciclagem no país. Ajudam a evitar que muitos resíduos recicláveis e reaproveitáveis sejam encaminhados para lixões e aterros sanitários.” O econo-



Foto: André Romani

ATENÇÃO À LÓGICA DA CIRCULARIDADE

Extrair, produzir, vender e descartar é a lógica da linearidade. Na perspectiva de que tudo se transforma, empresas e organizações podem substituí-la pela lógica da economia circular, na qual os insumos podem retornar ao ciclo industrial pela reciclagem e, no caso dos restos de vegetais (folhas, grama, galhos...) e alimentos, voltar à natureza em forma de compostagem.

A PERCEPÇÃO DE COLABORAÇÃO COLETIVA...

Em paralelo à compreensão conceitual do valor da sustentabilidade, a mudança se dá com decisões práticas. A adoção de **estações coletivas de descarte de resíduos**, em substituição aos cestos individuais, ajudou os diferentes públicos do Sesc a perceber no dia a dia a importância da responsabilidade quanto ao descarte correto.



Foto: Dorival Gonçalves

COMUNICAÇÃO

Mudar hábitos e atitudes exige **uma sensibilização genuína das pessoas**. Educação e comunicação permanentes favorecem o engajamento e a cooperação.

mista diz que o trabalho é importante para os municípios e pode gerar renda; por isso tem uma consequência social positiva e relevante. As desigualdades sociais, as crises econômicas e o desemprego estimularam as pessoas excluídas do trabalho formal a procurarem essa atividade em busca de renda.

Ao longo do século 20 a atividade de catação expandiu-se com o avanço da economia brasileira e a diversidade de produtos e embalagens. O Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV) estima que até dezembro de 2014 o número de catadores no Brasil era de mais de 180 mil e em 2018 subiu para 268 mil, com renda mensal de 690 reais, 30% da renda média nacional da época, que era de 2 243 reais. A maioria, 67%, é negra, 72% são homens e 74% só têm o ensino fundamental incompleto ou nenhuma instrução.

O Brasil é referência mundial no movimento pró-organização de catadoras e catadores desde as duas últimas décadas do século 20. Empresas e prefeituras de grandes capitais, como Belo Horizonte, Porto Alegre e São Paulo, passaram a reconhecer a sua importância e a trabalhar em parceria tendo as cooperativas como elo. A partir de então os próprios catadores uniram-se num movimento que fortaleceu a categoria, o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR). A atividade agora é reconhecida. “Isso foi muito importante para valorizar e dar visibilidade ao catador como um profissional de limpeza pública.” O professor Demajorovic admite que ainda é necessária maior sinergia entre o MNCR, as prefeituras e os grandes geradores de resíduos: as indústrias. “É um processo que já acontece no país, mas precisa avançar ainda mais.” (Leia depoimentos de catadores e integrantes de cooperativas de reciclagem na página 34)

A conquista da profissionalização dos catadores é mérito da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS). A

...E A EXPERIÊNCIA DA PRÁTICA INDIVIDUAL

Há mais de 10 anos todos os funcionários e prestadores de serviços continuados recebem **utensílios duráveis para o consumo de água, chá e café**. Isso permitiu uma grande redução de resíduos.



Foto: Lucio Erico

IDEIAS COMPARTILHADAS

É possível replicar boas práticas de **minimização e destinação responsável de resíduos**. A experiência institucional tem sido compartilhada com centenas de empresas e instituições. Aspectos econômicos, sociais e ambientais da gestão de resíduos são discutidos nos encontros com empresas promovido pelo *Lixo: menos é mais*, junto com o programa de Relacionamento com empresas

lei 12.305 foi instituída no dia 2 agosto de 2010 para organizar a cadeia do lixo no país e dar maior transparência no gerenciamento de resíduos integrando empresas, poder público e sociedade. Os objetivos principais são reduzir a quantidade de rejeitos encaminhados para os aterros sanitários e regularizar ações e incentivos para a coleta seletiva, reciclagem, logística reversa, responsabilidade compartilhada, entre outros.

LOGÍSTICA REVERSA E ENGAJAMENTO

Dez anos depois de assinada, a PNRS (Política Nacional de Resíduos Sólidos) avançou — como no reconhecimento da atividade dos catadores —, mas ainda há muito a fazer para que atinja todos os seus objetivos. Um deles, o fim dos lixões a céu aberto no país, ainda está longe de ser alcançado, admite o professor Jacques Demajorovic. “Obras de construção de aterros sanitários controlados e seguros não dão ibope para o poder público. São onerosas, especialmente para as prefeituras de pequenas cidades.” Consórcios entre empresas e municípios poderiam dar condições de avanço nesse sentido. “Mas, enquanto houver desafios básicos culturais, políticos e estruturais a superar, além da desigualdade num país de dimensões continentais como o nosso, fica difícil”, conclui.

Por outro lado, algumas metas foram impulsionadas desde a chegada da lei. Uma delas é a logística reversa, o recolhimento e reciclagem — pelos fabricantes e importadores — dos produtos depois de consumidos e descartados. É o caso dos eletroeletrônicos. Muitas empresas desse setor já fazem o recolhimento de aparelhos eletroeletrônicos descartados no país. Para isso, a Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee) criou em 2016 a Green Eletron - Gestora para Logística Reversa de Equipamentos Eletroeletrônicos. Ela recolhe o chamado lixo eletrônico e encami-

Ilustração Estúdio Alfavaca



QUESTIONAMENTO

Nossa consciência a respeito dos resíduos que produzimos como indivíduos, organizações e sociedade é proporcional aos impactos causados? Que lugar o lixo ocupa em nosso cotidiano? Qual lugar o lixo ocupa em nossas relações? Essas são algumas das questões que o programa instiga constantemente.

Ilustração Estúdio Alfavaca



TRANSVERSALIDADE

Cada Unidade do Sesc tem um grupo gestor do Lixo: menos é mais, com representantes de diversas áreas. Práticas socioambientais estão presentes no pensamento e no cotidiano dos integrantes desses grupos, que são responsáveis pela gestão do programa (incluindo a não geração e a destinação correta) e pelas ações educativas.

na para empresas recicladoras, que transformam os resíduos em matéria-prima para novos produtos. “Atualmente, a Green Eletron faz a logística reversa para sessenta fabricantes, importadores e distribuidores de eletroeletrônicos e 26 marcas de pilhas”, informa Ademir Brescansin, gerente executivo da empresa. No ano passado a Green Eletron lançou o movimento de conscientização dos consumidores chamado “Eletrônico não é lixo”.

Promovemos campanhas de coleta no metrô de São Paulo, fizemos movimentações nas redes sociais com a participação de influenciadores e pu-

blicamos um e-book didático sobre o assunto. Também fizemos um drive-thru de coleta em Santo André, São Paulo. Foi importante ver quanto as pessoas se engajaram”, conta Brescansin.

ATO POLÍTICO TRANSFORMADOR

A Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (Fecomercio SP) também vem se empenhando na logística reversa. O comércio paulista participa de sistemas de logística reversa de vários produtos pós-consumo como lâmpadas,

pilhas, baterias portáteis e de chumbo (automotivas, de bicicletas e estacionárias), eletroeletrônicos, óleo comestível, embalagens em geral, dentre outros.

“Por meio do Conselho de Sustentabilidade nós nos reunimos com empresas, organizamos eventos, publicações de matérias no portal da internet e redes sociais. Também mantemos uma plataforma de logística reversa com informações para consumidores e empresas do setor”, conta Cristiane Cortez, engenheira química e assessora técnica do Conselho de Sustentabilidade da Fecomercio SP.

A PNRS ajudou a moldar o conceito de construção e aprendizado coletivos. Todo esse esforço conjunto entre fabricantes, importadores, distribuidores e comerciantes, consumidores e governantes tem nome: responsabilidade compartilhada, um novo elo na cadeia produtiva. “Foi um passo importante da lei. Não só o consumidor e o poder público devem ser responsabilizados pelos rejeitos. Quem inicia o processo de produção e consumo são as empresas, então elas têm grande responsabilidade. Assim, passam a preocupar-se em melhorar o design e os materiais de seus produtos, para

que sejam ambientalmente mais eficientes”, opina o economista Jacques Demajorovic.

Pensar no design dos produtos é um dos elementos que leva à economia circular, garante o diretor educacional da Reconecta, Edson Grandisoli, que recentemente coordenou o Movimento Circular (movimentocircular.io), uma iniciativa sem fins lucrativos que aproxima o tema das pessoas: “Essa nova economia pensa a cadeia de produção-consumo-descarte como um todo, indicando pontos necessários de mudança em todas as etapas, desde a extração do recurso,

o design dos produtos e as formas de consumo até o descarte final, quando não é realmente mais possível reutilizar ou reciclar os materiais”.

Para ele, a educação ambiental é a base para mudar a forma como tradicionalmente nos relacionamos com o planeta. “Só assim conseguiremos compreender a responsabilidade dos atores envolvidos, podendo estimular e cobrar ação. A bomba não pode estourar apenas nas mãos dos governos locais e dos consumidores. Novamente, a educação deve funcionar como ato político e transformador”, conclui. ■

À deriva

Instalação

Jaime Prades

(Espanha, 1958)

SOBRE A TÉCNICA

As 6 mil garrafas de plástico utilizadas na instalação vêm da Coopamare (Cooperativa de Catadores Autônomos de Papel, Papelão, Aparas e Materiais Reaproveitáveis), e o barco é emprestado do projeto social Navegando nas Artes (vivência náutica e grafite no extremo sul de São Paulo). Quando a instalação foi desmontada, as embalagens foram todas para a Cooperativa Cata Tudo Recicla, parceira do Sesc Pompeia.

SOBRE A OBRA

No deck do Sesc Pompeia, Jaime Prades chama a atenção para o excesso de embalagens plásticas e a poluição dos oceanos e rios, na instalação que faz parte do projeto Natureza Humana, iniciado em 2009. A obra também se conecta ao programa educativo *Lixo: menos é mais*, do Sesc São Paulo, que integra experiências e reflexões voltadas à educação para a sustentabilidade.

Foto: Lúcio Érico / Direção: Adatao Perin



O imaginário que antecipa o real

A instalação “À deriva”, de Jaime Prades, antevê a crise de responsabilidades e alerta para os riscos do abraço coletivo ao irracional

texto: Kadija de Paula e Caco de Paula

Se olharmos para o noticiário desde o início de 2021, uma imagem que sintetiza bem a sensação presente é a de estarmos, de alguma ou de muitas formas, à deriva. Um ano atrás, o artista plástico Jaime Prades expôs no deck do Sesc Pompeia um barco encalhado em 6 mil garrafas plásticas. A instalação “À deriva”, aberta ao público no dia 3 de março, ficaria em exposição até o dia 29 do mesmo mês; mas foi interrompida precocemente no dia 17, com o fechamento da unidade, assim como milhões de outros espaços, em todo o planeta, com o rápido avanço da pandemia de Covid-19.

“À deriva” chama a atenção para o excesso de embalagens plásticas e a poluição dos oceanos e rios. Trata-se de uma nova versão de uma instalação realizada pela primeira vez em 2014, como parte do projeto Natureza Humana, que Prades desenvolve desde 2009. Desta vez “À deriva” também se conecta ao programa edu-

cativo *Lixo: menos é mais*, do Sesc São Paulo, que integra experiências e reflexões voltadas à educação para a sustentabilidade.

À primeira vista, ou em uma camada inicial de interpretação, a instalação pode ser lida como uma representação literal do desastre ambiental em que a sociedade de consumo se vê encalhada em seu próprio resíduo. Em uma leitura mais ampla, o barco pode assumir a simbologia do corpo, da travessia pelo mar plástico, ou ainda um alerta para os perigos que corre uma sociedade ao abraçar a irracionalidade e a falta de rumo que sufocam a vida, negando-lhe oxigênio.

Nesse sentido, “À deriva” antecipa a atual crise de responsabilidades como uma arqueologia do futuro. “Todos os espaços de convivência são tomados pelo lixo. Temos dificuldade de entender a responsabilidade coletiva, e a questão do lixo e dos resíduos traz à tona uma espécie de patologia comunitária”, diz. “O lixo é um dos sintomas dessa patologia de



Foto: Lúcio Érico

A instalação “À deriva”, de Jaime Prades, no Sesc Pompeia, em março de 2020

sociedades desagregadas. Não há empatia pelo outro, e isso se reflete na forma como lidamos com o lixo, não só no Brasil, mas em todo o mundo. É preciso cuidar do que é inviabilizado”, observa. Muitos dos materiais usados por Prades, como no caso da série “Não Árvores”, foram retirados de caçambas que seriam despejadas em lixões ou em aterros sanitários. “A essência da vida pode ser encontrada em um material que está indo para uma caçamba”, lembra.

Nascido na Espanha em 1958, Jaime Prades vive e trabalha desde 1975 em São Paulo, onde atualmente é representado pela galeria Andrea Rehder. “O grande poder da arte é o de abrir o portal para que você possa ver outras coisas”, diz Prades, autor de um trabalho cujo eixo está entre o público e o privado. Nos anos 80 integrou o coletivo Tupinãodá junto a José Caratu, Milton Sogabe e Eduardo Duar. Prades conta que o grupo que é hoje referência histórica de ações artísticas em espaços públicos fazia “pequenas transgressões” e “pequenas faltas de educação” na tentativa de entender o espaço urbano como espaço de arte, para criar um senso comum de que o espaço público também tem valor.

Em uma entrevista sobre sua experiência com o coletivo, Prades conta: “A gente estava em pleno processo de transição da ditadura para a democracia. E eu tenho pra mim que, quando começou a abrir a panela de pressão, espirrou tinta. A gente já estava na rua, tentando fazer essas intervenções enormes, e trabalhávamos à luz do dia; nosso objetivo era conquistar esse espaço. A situação política ainda era muito tensa. Era um ato perigoso ir para a rua. Hoje também é, não é? A rua é sempre perigosa, mas naquele momento era veladamente perigoso. E o mais provocante é que o nosso discurso era completamente lúdico em termos de imaginário. Mas ir lá fazer aquilo, se expor, isso sim é que era político”.



Jaime Prades na montagem da instalação “À deriva”, no Sesc Pompeia



“Árvore 1” da série “Não Árvores” de Prades: madeira descartada

Fotos: Neta Novaes

Planeta compartilhado — e responsabilidade também!

Especialista em economia circular, Flávio de Miranda Ribeiro, que se autodenomina um eterno otimista, afirma que a educação ambiental é antídoto certo contra a visão ingênua e inadequada que temos diante da produção descarte de resíduos

entrevista: Afonso Capelas
foto: Tarcila Tronca



Quem nunca sentiu certo alívio na corriqueira tarefa doméstica de colocar o saco de lixo na porta de casa? Para Flávio de Miranda Ribeiro essa é a sensação da maioria dos brasileiros em relação aos seus resíduos domésticos: a de que ao livrar-se deles todos os problemas estão resolvidos. Ao contrário, é a partir daí que os problemas (coletivos) começam.

Nesta entrevista a Cadernos Sesc de Cidadania, o engenheiro mecânico com especialização, mestrado e doutorado na área ambiental Flávio de Miranda Ribeiro fala sobre como podemos nos conscientizar do compromisso que temos como cidadãos e consumidores. Também professor e pesquisador na Escola Politécnica da USP, FIA, COGEAE-PUC e Unisantos, nas áreas de gestão de resíduos sólidos, produção mais limpa (P+L), análise de ciclo de vida (ACV), regulação ambiental empresarial e direito ambiental internacional, Fábio enfatiza que não basta reduzir, reutilizar e reciclar: precisamos consumir melhor, menos ou até mesmo deixar de consumir antes de darmos o destino adequado ao nosso lixo.

O que o consumidor comum precisa saber a respeito do seu lixo?

É fundamental perceber que tudo que consumimos em algum momento se tornará um resíduo, gerando impactos. Além disso, a gestão dos resíduos possui um custo econômico e efeitos sociais pelos quais também somos responsáveis. É preciso entender que a cada escolha de consumo induzimos uma cadeia de acontecimentos movimentando o que se denomina “ciclo de vida do produto”. Ao melhorarmos essas escolhas — consumindo melhor, menos ou mesmo deixando de consumir —, temos o poder de contribuir para a redução de muitos problemas ambientais, econômicos e sociais.

Quais são os impactos socioambientais dos resíduos que todos nós produzimos?

Eles têm duas vertentes. Em primeiro lugar há consequências ambientais derivadas da incorreta gestão dos resíduos, que podem causar problemas de saúde pública e meio ambiente. A contaminação da água e do solo, a poluição do ar, a proliferação de vetores e a veiculação de doenças são alguns exemplos. Mas há outro lado da questão, menos discutido e visível: o desperdício de recursos quando enviamos indiscriminadamente os resíduos para aterros licenciados, em vez de promover seu reaproveitamento. Ao não conseguirmos reutilizar ou reciclar, deixamos de permitir que os resíduos retornem como novas matérias-primas, em substituição às maté-

rias-primas virgens. Com isso, para fabricarmos novos bens acabamos por extrair mais recursos naturais, contribuindo para sua escassez e causando problemas ligados à sua extração e beneficiamento, entre outras operações. Além, é claro, dos próprios impactos ambientais dos aterros, incluindo o uso do solo para sua construção, que muitas vezes acontece em regiões valorizadas por serem próximas aos centros urbanos.

Como o consumidor se relaciona com seu próprio lixo?

No Brasil, muito mal. Em alguns outros países uma parcela significativa da população já se conscientizou de que os resíduos que geramos são consequências de nossos hábitos de consumo e, portanto, nossa responsabilidade. Aqui o consumidor ainda não se preocupa com a quantidade de resíduos que gera ou para onde eles vão após o descarte. É aquela ideia infantil de que basta deixar o saco de lixo na escada do prédio e durante a noite, em um passe de mágica, o problema desaparece — como uma “fada do dente” do lixo. Isso reduz as possibilidades de melhorias na gestão, como a separação na fonte dos recicláveis, essencial à coleta seletiva.

Mais ainda, por questões culturais originadas em heranças históricas lamentáveis do nosso país, muitas pessoas de alto poder aquisitivo não mantêm nenhum contato com os resíduos que geram, delegando o trabalho a seus empregados. Cria-se assim uma situação de descolamento total entre o consumo e o descarte, impedindo reflexões sobre hábitos sustentáveis justamente na parcela da população que, supostamente, tem acesso à educação de melhor qualidade.

O Japão incinera parte do lixo e recicla outra parte. Seriam medidas interessantes para nós?

É preciso ter cuidado ao traçar paralelos entre realidades diferentes.

“ A reciclagem aparece na hierarquia da gestão em terceiro lugar dos 3Rs, depois da redução e do reúso. Existem modelos hoje que falam em 6Rs ou até 9Rs, em que se acrescentam outras etapas anteriores — como ‘repensar’, ‘recusar’, ‘reparar’, ‘remanufaturar’... ”

Cada país precisa encontrar suas alternativas adequadas a cada situação. Em geral, em cada país convivem diferentes tratamentos de resíduos, como reciclagem, compostagem, aterros e até incineração. Ocorre que “incineração” é um termo aplicado a um grupo de tecnologias que promovem a recuperação energética dos resíduos, ou seja, a obtenção de energia destes antes de enviá-los aos aterros. Não é a minha alternativa preferida. Acredito que precisamos priorizar a redução, o reúso e a reciclagem — os 3Rs, que inclusive consistem em uma hierarquia atualmente prevista em lei.

A incineração tem impactos ambientais associados. O mais importante talvez seja o potencial de emissões de alguns poluentes extremamente perigosos. Mas é preciso reconhecer que hoje existe tecnologia capaz de tratar essas emissões, tanto que o Japão e praticamente toda a Europa têm soluções de recuperação energética em seu cardápio de gerenciamento de resíduos. Essa ainda é uma opção bastante utilizada nesses países, mas com tecnologias modernas. A questão passa a ser de duas naturezas: não incinerar coisa alguma que possa ser recuperada de outra forma (reúso, reciclagem, compostagem) e exigir as melhores tecnologias disponíveis para evitar a emissão de poluentes perigosos. Não

é simples nem barato e tenho dúvidas de que no Brasil conseguimos fazer isso da forma adequada. Nem aterros temos sido capazes de construir.

Então a reciclagem é a nossa melhor alternativa?

De forma alguma. Na própria lei da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) a reciclagem aparece na hierarquia da gestão em terceiro lugar dos 3Rs, depois da redução e do reúso. Existem modelos hoje que falam em 6Rs ou até 9Rs, em que se acrescentam outras etapas anteriores — como “repensar”, “recusar”, “reparar”, “remanufaturar”. Não é porque um resíduo é reciclável que se pode consumir livremente, até porque a reciclagem exige impactos ambientais como as emissões de transporte para coleta, gastos de água, energia e produtos químicos na operação. Reciclar, na verdade, deveria ser a última opção antes de mandar algo para um aterro.

Afinal, a PNRS está avançando?

Desde 2010 passamos por vários momentos de avanço e estagnação das ações necessárias à implementação da PNRS. Na média, acredito que avançamos — como eu disse, sou um otimista. Mas existem assuntos nos quais ainda estamos estagnados, como na discussão sobre os instrumentos eco-

nômicos. Sejam as taxas do lixo proporcionais à geração, fundamentais como estímulo à coleta seletiva, sejam os benefícios tributários, por exemplo, para o incentivo ao uso de materiais recicláveis, essas importantes alternativas não avançaram praticamente nada nos últimos dez anos.

Em que pé está a logística reversa no Brasil?

De maneira geral evoluindo, mas de forma muito lenta e frágil. Uma avaliação justa dependeria de uma análise caso a caso. Muitas empresas e entidades têm promovido esforços significativos, principalmente nos últimos dez anos, com a promulgação da PNRS. Se olharmos algumas dessas situações, veremos que chegamos em poucos anos a resultados que alguns países europeus demoraram quase 30 anos para obter. A questão é que isso não vale para todos e muitas empresas ainda estão à margem do que a lei exige. Alguns sistemas não foram sequer estruturados, mesmo com dez anos da lei vigente.

Acredito que muitas dessas empresas não irão avançar sem que sejam pressionadas, o que mostra a importância de uma atuação mais efetiva do poder público. Em São Paulo, o governo estadual decidiu abraçar esse tema em 2011 e desde então houve significativo avanço. Em outros lugares, quem tem tomado a iniciativa é o Poder Judiciário, com atuação importante do Ministério Público. Nesse caso é preciso uma estratégia única, clara e transparente sobre como o país como um todo pretende organizar e cobrar a evolução dos sistemas.

Como vê a cobrança de taxas sobre o lixo ao consumidor?

Com a definição do conceito da responsabilidade compartilhada, a PNRS quis demonstrar que cada um precisa fazer a sua parte, até para que o próximo elo na cadeia de gestão possa fazer a sua. Por exemplo, se o consumidor

“ Os resíduos que geramos são consequências de nossos hábitos de consumo e, portanto, nossa responsabilidade [...] aquela ideia infantil de que basta deixar o saco de lixo na escada do prédio e durante a noite, em um passe de mágica, o problema desaparece — como uma “fada do dente” do lixo [...] cria uma situação de descolamento total entre o consumo e o descarte, impedindo reflexões sobre hábitos sustentáveis... ”

não retornar os resíduos pós-consumo, de nada adianta ter um sistema estruturado de logística reversa — o resíduo simplesmente não retorna. Da mesma forma, não adianta o consumidor estar consciente e mobilizado se não houver um local adequado e acessível para o descarte. Independentemente de a responsabilidade sobre o ciclo de vida dos produtos ser compartilhada, é preciso que em cada caso haja uma divisão de responsabilidades entre os participantes dos sistemas. Até para que todos saibam o que cabe a cada um e eventualmente possam cobrar que cumpram seu papel, seja por parte das autoridades, seja por parte dos cidadãos.

Sobre taxas, é preciso dizer que todos os sistemas de gerenciamento de resíduos possuem custos associados — desde a coleta tradicional, realizada pelas prefeituras e concessionárias, até a logística reversa. Ainda que em muitos casos possa haver receitas acessórias, como a venda de materiais recicláveis, na maioria dos casos elas não cobrem a maior parte dos gastos. Assim, alguém tem que financiar os sistemas e não há mistério: ou fazemos isso por taxas ou tarifas ou por meio da cobrança às empresas que comercializam os produtos. E elas certamente vão transferir os custos ao consumi-

dor. Essa é uma discussão importante para a qual é preciso maturidade. Não podemos ficar na ilusão de que não há contas a pagar.

Como envolver o consumidor para mudar seu cotidiano em favor da redução do consumo?

Não há outro caminho para a mudança que não a educação ambiental. Para que as pessoas se disponham a essa mudança é preciso estar verdadeiramente motivado, pois é provável que tenham de empenhar alguma dose de esforço adicional ou abrir mão de algum conforto. É o exemplo da facilidade e praticidade trazida pelos alimentos industrializados prontos e embalados, se comparados a adquirir os ingredientes crus e preparar a refeição em casa. A melhoria ambiental obtida com essa mudança só vai acontecer se o consumidor acreditar e valorizar os ganhos obtidos — e é bom lembrar que nem sempre todos poderão fazer essa escolha. Na prática, vejo que primeiro precisamos difundir mais e melhor os princípios e conteúdos de educação ambiental nas diversas camadas da população. Assim como é necessário haver informação qualificada para o consumo sustentável e disponibilidade de produtos ambientalmente adequados a preços acessíveis

nas gôndolas dos supermercados. Vejo nisso tanto uma oportunidade para as empresas, no oferecimento de produtos com atributos de sustentabilidade, como uma necessidade de criar formas de informar os consumidores e subsidiar sua tomada de decisão. Isso pode ser feito, por exemplo, por meio de programas de certificação de produtos que precisam ser abrangentes, baseados em critérios claros, técnicos e simples o suficiente para a população compreender e aplicar.

Gostaria de destacar a importância de revisarmos a forma de vender os produtos e, dentro disso, discutir o papel da mídia nesse processo. Temos uma indústria da propaganda eficiente no Brasil. É preciso aproveitar melhor esse potencial para comunicar atributos de sustentabilidade em vez de vender necessidades que muitas vezes nem sequer existem.

A redução do consumo é algo palpável em uma era consumista?

Como sou otimista, acredito que sim. Mas é preciso separar a discussão em duas partes. Em primeiro lugar temos de reconhecer que no Brasil, assim como em outros países em desenvolvimento, temos ainda uma enorme parte da população abaixo da linha da miséria ou com nível de consumo abaixo do considerado adequado. Para essas pessoas deve haver, sim, um aumento de consumo. Mas para a outra parte da população, que já superou esses limites, cabe uma reflexão sobre hábitos e padrões de consumo. Ainda vivemos a ideia de “sonho de consumo”, a ilusão de que chegaremos a uma vida satisfatória com o acesso a mais produtos, muitas vezes supérfluos. É necessário rever os valores, por meio de trabalho de educação ambiental que devem chegar a todos. Enquanto isso não ocorrer, a redução de consumo, ou o consumo sustentável, será um tema restrito a nichos da população que podem pagar por um produto “eco” ou “bio”. ■

“ Não há outro caminho para a mudança que não a educação ambiental. Para que as pessoas se disponham a essa mudança é preciso estar verdadeiramente motivado, pois é provável que tenham de empenhar alguma dose de esforço adicional ou abrir mão de algum conforto ”

“Nosso resíduo diz muito sobre quem somos e os valores que realmente importam para nós”

Uma conversa com o cantor e compositor sobre a lixeira da cozinha, a sobrecarga do planeta, esperança, netos — e a necessidade de um despertar coletivo

entrevista: Luciana Vicária
fotos: Flora Pimentel

Da infância tranquila em um cenário de natureza privilegiada, Lenine guarda mais que um belo cordel de memórias: a busca por caranguejos nos mangues do Recife e as intermináveis tardes de banho de mar na praia da Boa Viagem ajudaram a construir uma consciência ambiental que reverbera, cada vez mais forte, em todas as suas produções artísticas. Cantor reconhecido e compositor de mais de 500 canções, arranjador e multi-instrumentista; além de letrista, ator, escritor e produtor musical, Oswaldo Lenine Macedo Pimentel, ou simplesmente Lenine, se tornou, ao longo de

sua trajetória, um porta-voz do nosso compromisso com a proteção ambiental. Na entrevista a seguir, a qual concedeu por telefone de sua casa, no bairro da Urca, no Rio, Lenine se indignou com as embalagens de eletrodomésticos, contou como reaproveita seus próprios resíduos e foi enfático em apontar onde começa o único futuro possível: no despertar coletivo.

As letras das suas canções falam muito sobre a responsabilidade ambiental com o planeta. Como você encara a forma como lidamos com os resíduos?

A matéria das minhas canções é feita do que me incomoda ou me como-

ve. Acredito, sobretudo, que as canções são como fotografias, sob o ponto de vista de quem compõe, e nesse sentido o meio ambiente sempre foi uma área de interesse. A forma como lidamos com o nosso resíduo diz muito sobre quem somos e os valores que realmente importam para nós.

Então a destinação dos resíduos é uma questão de ética?

Sim, no nosso caso, de falta de ética, uma vez que o lixo nunca fez parte da nossa equação de consumo. A lixeira da nossa casa, por exemplo, é o lugar onde a gente esconde aquilo que não serve, que embalou algo nobre e perdeu a sua utilidade. Como se, ao botar

“ Precisamos saber que existe um ponto de não retorno — e que já exigimos mais do planeta do que ele é capaz de nos oferecer ”



no saco preto, aquela enorme quantidade de resíduos simplesmente desaparece, como em um passe de mágica.

Vivemos uma tendência de alta na produção de resíduos no Brasil: cerca de 80 milhões de toneladas no ano passado, segundo a Associação Brasileira das Empresas de Limpeza Pública, devendo chegar a 100 milhões em 2030.

Exato, a gente não pensa em quanto de planeta usamos para produzir os milhões de caixas e de embalagens plásticas que, além de consumir os nossos recursos, são enterradas no solo, descartadas em rios e oceanos. Lidamos de forma natural com um descarte volumoso de embalagens, como se fosse algo absolutamente natural. Essa equação perversa tem levado a um futuro insustentável.

Pode dar um exemplo prático da sua rotina?

Claro. Recentemente comprei um vaporizador. Fui abrir a caixa e contei 13 sacos plásticos. Primeiro, a caixa de papelão; depois, vários pedaços de isopor envolvendo as peças. Sem contar o invólucro plástico em cada uma delas. Para quê? O que fazer com aquilo tudo? Me dá uma tristeza instantânea e uma preocupação do que fazer com aquilo tudo. Até esqueço, por ora, do meu vaporizador.

E o que você faz?

O isopor eu resolvo com a minha paixão botânica, que começou com as orquídeas. Uso todos, sem exceção. Transformo as garrafas PET em pequenos recipientes vazados com um ferro de soldador. Elas também recebem mudas no meu jardim. Até da lâmpada eu retiro algumas partes e faço cultivo de coisas ali. Travesseiro velho vai para a compostagem, assim como os restos de alimentos. Mas a sacola plástica... Ah, a sacola. É uma luta.



“ Meu pai me ensinou a pensar não no que vou deixar para os meus filhos, mas no que estou deixando para o planeta. Sempre me pergunto o que faço, por que faço e a quem faço. Sigo a vida respondendo a essas três perguntas ”

“ Precisamos evoluir e ainda estamos em um processo de involução. É urgente a consciência de que vivemos em um único planeta, como se fôssemos um grande útero encerrado em si ”

Além de incluir o tema ambiental em sua arte, Lenine preza pelo contato com a natureza e pelo respeito à ciência: “Estamos vivendo em um ambiente de desestruturação e de quebra de todas as certezas científicas, quase um período de barbárie medieval”

Que situações do dia a dia mais incomodam você?

Comprar carne no supermercado. Ela vem dentro de um saco, que vem dentro de outro saco. O que é isso, pessoal? É um vício de linguagem? É um modo de “viver”? Se a gente não educar a população e ensinar que existe uma necessidade urgente de mudar a atitude diante dos resíduos, não temos como esperar um futuro promissor; caminhamos para o fim.

E como fazer isso?

A gente já fez isso com sucesso com a vedete do canudinho. Lembra da imagem marcante da tartaruga morta com o canudo? Então, aquilo causou um incômodo tão grande nas pessoas que rapidamente a gente mudou de atitude, não foi? Surgiram os canudinhos de materiais biodegradáveis e outro universo de coisas para substituí-lo. Precisamos ter a mesma atitude diante dos outros resíduos também.

Mas como convencer as pessoas?

A mudança tem de vir das indústrias em um primeiro momento. Muitas já o fazem, mas boa parte ainda atua de forma leviana. Há um aspecto muito interessante que é o da responsabilização pelos resíduos. Significa que cada um que produz alguma coisa vai ter de cuidar de seu resíduo, independentemente de já existir uma indústria de reciclagem, como a do alumínio e do plástico.

Falta educação também?

Sim. A gente não sabe o que fazer com um eletrônico quebrado. Tem gente que joga no lixo comum, que deveria receber apenas orgânicos. As pessoas desconhecem que boa parte dele poderia ser reutilizada. Precisamos saber que existe um ponto de não retorno — e que já exigimos mais do planeta do que ele é capaz de nos oferecer.

Como essa situação chega até você?

É muito difícil ter contato com tudo isso sem ficar chocado. Estamos vivendo em um ambiente de desestruturação e de quebra de todas as certezas científicas, quase um período de barbárie medieval. O grau de banalização a que chegaram as coisas é muito surreal. Costumo dizer que a gente está vivendo o desespero da não confiança — e acho que a gente precisa muito confiar. Não existe outra saída. Precisamos confiar no ser humano, na ciência e em todas as nossas conquistas.

Você se tornou avô e imagino que deva refletir sobre o futuro dos seus netos.

Com certeza, o tempo todo. Meu pai me ensinou a pensar não no que vou deixar para os meus filhos, mas no que estou deixando para o planeta. Sempre me pergunto o que faço, por que faço e a quem faço. Sigo a vida respondendo a essas três perguntas. Tento passar essa forma de ver o mundo aos meus filhos e netos, como meu pai me ensinou.

Será que a gente desperta a tempo?

Estamos todos flutuando ao sabor do inevitável. Vivemos uma negação de coisas práticas e objetivas. Tenho fé em que a gente vai tomar um choque de realidade. Só assim para inverter a rota. Precisamos evoluir e ainda estamos em um processo de involução. É urgente a consciência de que vivemos em um único planeta, como se fôssemos um grande útero encerrado em si.

Essa ideia de limites de países, de lixo meu e lixo seu, temos de rever. Enquanto não entendermos que só a atitude de cada um pode garantir um futuro compatível com a nossa permanência, não temos como pensar em um amanhã de esperança. ■

Pensamento coletivo e mão na massa

Um olhar para as cooperativas de triagem de materiais recicláveis — e uma escuta atenta do que trabalhadoras e trabalhadores do setor contam sobre sua própria experiência — pode trazer novos aprendizados a toda a sociedade

texto: Luciana Vicária

O Brasil ainda dá seus primeiros passos quando o assunto é reaproveitar seus recicláveis. Se, por um lado, somos o quarto maior produtor de plástico do mundo, por outro deixamos de reciclar cerca de 97% dos 80 milhões de toneladas de resíduos sólidos que produzimos todos os anos, de acordo com a Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais. Significa que a maior parte dos plásticos, alumínios, papéis e eletrônicos que descartamos vai parar em aterros sanitários misturada ao lixo orgânico, contaminando o solo, os rios e os oceanos. A menor parte (apenas

3% do que produzimos) é reciclada. O que poucos sabem é que a destinação correta do lixo movimenta 7 mil cooperativas de reciclagem no Brasil, de acordo com o Ministério do Meio Ambiente. Elas não só poupam os recursos do planeta, como transformam a vida de 332 mil brasileiros que tiram do “lixo” o seu sustento. Fomos conversar com pessoas que estão na ponta dessa cadeia — e descobrimos que a prática da reciclagem faz mais do que transformar garrafa PET em plásticos de reúso: a reciclagem renova o amor ao próximo, resgata a autoestima e reafirma o compromisso humano com o meio ambiente. Com a palavra, as trabalhadoras e os trabalhadores.



Foto: Arquivo pessoal de Raquel Moraes



Foto: Lúcio Érico



Foto: Arquivo pessoal de Murilo Jeronimo Aguiar



Foto: Arquivo pessoal de Marilene Leolina dos Santos

No sentido horário a partir do alto à esquerda: Raquel tira selfie em frente aos resíduos prensados, na Cooperativa Vida Nova, em Campo Limpo Paulista; Cintia compartilha conhecimentos da experiência da Coopermiti, em São Paulo; Murilo posa ao lado de Marli, presidente da Coopernova, durante ação de conscientização realizada antes da pandemia em praça pública de Cotia; e Marilene (de máscara vermelha) exhibe o uniforme novo pela primeira vez ao lado dos demais cooperados da Coopernova, em Cotia



“A cooperativa me mostrou que a vida do próximo e as escolhas que ele faz têm impacto na minha vida. Com o lixo é assim, com o planeta é assim, com a sociedade é assim. Hoje penso coletivamente”



As lições do lixo coletivo

A cooperativa me deu uma profissão e a minha primeira grande oportunidade de emprego. Por sete anos eu cuidei do controle e do relacionamento com as empresas que compravam e forneciam os recicláveis. Decidi me tornar gestor ambiental e entrei na faculdade, paga com o dinheiro da própria cooperativa. Há pouco tempo fui contratado como trainee de uma multinacional da área de eletrônicos. Tratar do lixo coletivo trouxe uma série de lições para mim, especialmente que uma cooperativa recicla não apenas os resíduos, mas também as pessoas.

Murilo Jeronimo Aguiar

25 anos, morador de Cotia (SP), trabalha atualmente na iWrc Brasil Consultoria em Gestão Empresarial.

O lixo devolve a cidadania

O mais incrível do nosso trabalho é dizer que hoje 46 famílias tiram seu sustento de algo que as pessoas acham que não serve para nada. A cooperativa gera empregos e renda. Sem contar que trabalhamos com o resgate da autoestima de pessoas que muitas vezes estavam totalmente à margem da sociedade, não tinham sequer RG ou conta bancária. Por isso, costumo dizer que nosso trabalho é muito nobre — especialmente quando chamam os recicladores de lixeiros. Lixeiro é quem descarta de qualquer jeito, nós somos a antítese disso tudo. Ando bem preocupada porque a sociedade produz cada vez mais lixo. E não se tem consciência coletiva. A sustentabilidade ainda não é uma preocupação da maioria.

Marly Monteiro Andrade dos Santos

58 anos, moradora de Cotia (SP), uma das mais antigas cooperadas da Coopernova Cotia Recicla. O trabalho começou com três pessoas e 10 toneladas de lixo por mês. Hoje são 51 cooperadas, trabalhando com 230 toneladas por mês.

Orgulho e trabalho pesado

No mesmo ano em que nasci, minha mãe fundou uma cooperativa de reciclagem em Campo Limpo Paulista. Faço de tudo na cooperativa, desde puxar os “big bags” (sacões de recicláveis) para o caminhão até atividades administrativas. Sofro preconceito dos vizinhos, que me olham com uma certa repulsa quando me veem no trabalho pesado. Meu trabalho me ensinou a ter respeito por todo e qualquer indivíduo, independentemente de sua aparência e da forma como ele está vestido. O futuro do planeta e de quem vai ficar por aqui depois que eu for depende do que faço agora. Por isso tenho muito orgulho do meu trabalho.

Raquel Morais

23 anos, filha de Silvana Morais, fundadora da Cooperativa Vida Nova, em Campo Limpo Paulista, formada em enfermagem e estudante de gestão ambiental.



“Meu trabalho me ensinou a ter respeito por todo e qualquer indivíduo, independentemente de sua aparência e da forma como ele está vestido”



“Sempre pensei em mim, cuidei do meu, mas na cooperativa aprendi a trabalhar coletivamente. Os ganhos se multiplicam se a gente une os esforços”



O impacto do próximo

Para quem não esperava muito da vida, como eu, posso dizer que cuidar do lixo coletivo me mostrou o lado bom da vida. Antes eu trabalhava de cozinheira, pegava várias conduções até chegar ao trabalho e não tinha tempo para ver as crianças. Elas me queriam em um emprego perto de casa e, depois de muito insistir, deu certo. Troquei o trabalho na cozinha pelo da reciclagem — e de lá passei a tirar o sustento de toda a minha família. Já comprei duas TVs, pago minhas contas de água e luz e tenho até uma motinho. A cooperativa me mostrou que a vida do próximo e as escolhas que ele faz têm impacto na minha vida. Com o lixo é assim, com o planeta é assim, com a sociedade é assim. Hoje penso coletivamente.

Marilene Leolina dos Santos,

44 anos, natural de Jacobina, na Bahia. Trabalha na Coopernova Recicla Cotia.

Foto: Lúcio Érico



Processamento de e-lixo na Coopermiti: 33 cooperados operam em todas as etapas do processo, incluindo coleta seletiva, triagem, destinação e educação ambiental



Aparelhos antigos no museu itinerante da Coopermiti: argumentos em favor de reutilização, consertos e reciclagem

O pensar diferente

Os produtos são feitos para serem repostos em muito pouco tempo. Temos de mudar esse jeito de pensar, especialmente o hábito de descartar em lixo comum todo tipo de resíduo. Lixo eletrônico tem um alto potencial de contaminar o meio ambiente. Sim, é verdade que o nosso trabalho é o de reciclar, mas a gente também recupera o que está em bom estado e doa para instituições. Temos de reciclar, mas também temos de reaproveitar. Talvez o que não está em uso por você possa ser reaproveitado antes de ter como destino o reciclável.

Cintia de Cássia Ferreira Pereira

48 anos, trabalha na Coopermiti. Ela faz parte do quadro de sócios fundadores desde 2009. É uma cooperativa de 30 associados idealizada por empresários e especializada em eletrônicos (veja texto na página 36).

De volta ao ciclo de produção

A experiência da Coopermiti, que recicla 38 toneladas de resíduo eletrônico por mês

A tal obsolescência programada dos equipamentos eletrônicos tem levado a uma troca cada vez mais frequente dos aparelhos. Bastam dezoito meses para que os celulares comecem a dar sinais de que sua vida útil está chegando ao fim, segundo o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor. A tendência de troca precoce também é comum em eletrodomésticos e computadores — e até em produtos que pouco tempo atrás eram analógicos, como barbeadores, sanduicheiras, cafeteiras e brinquedos de um modo geral. Quase tudo, hoje em dia, tem entrada USB e precisa de energia para funcionar.

A produção de lixo eletrônico per capita é de cerca de sete quilos por ano no Brasil — e apenas uma

pequena parcela (3%) é reaproveitada. Estima-se que menos de 5% do lixo eletrônico seja reciclado, de acordo com pesquisa da Global e-Waste Monitor. Significa um volume enorme de “e-lixo”, medido em milhares de toneladas produzidas todos os dias. É nesse contexto que as cooperativas de reciclagem de eletrônicos, como a Coopermiti, de São Paulo, exercem um papel fundamental ao devolver à indústria os componentes essenciais, evitando assim a contaminação do ambiente e o consumo ainda mais agressivo de recursos naturais, como água e metais.

A Coopermiti recicla por mês cerca de 38 toneladas de componentes eletrônicos. Seus 33 cooperados operam em todas as

etapas do processo: coleta seletiva, triagem, destinação e educação ambiental. Eles são treinados para reconhecer e separar as peças plásticas, de alumínio, fiação, metais e as placas. Usam luvas de proteção para evitar a contaminação e mantêm uma rede de parceiros que recebem cada um dos materiais.

Nenhum resíduo que sai da Coopermiti vai para aterro sanitário. Até o que não é reciclado no Brasil, por falta de empresa especializada, tem um destino ambientalmente correto em outro país. Parte das placas de circuito impresso, por exemplo, é exportada para Itália, Alemanha, Bélgica, Japão e Estados Unidos. O diretor da cooperativa, Alex Luiz Pereira, diz que o maior desafio continua sendo convencer as pessoas a descartar corretamente seus aparelhos antigos.

“Temos um trabalho árduo que requer mudança de hábito e, sobretudo, educação das pessoas”, resume. Por essa razão, Alex conserva equipamentos mais antigos e em bom

estado para compor seu museu itinerante. Os aparelhos são um chamariz para falar sobre a evolução da tecnologia e a importância de reciclar.

“No Brasil, as pessoas ainda descartam por recompensa: só aceitam entregar o aparelho antigo se tiverem desconto em um novo produto, e não por consciência ambiental”, explica. Outro grande desafio, segundo Alex, é vencer os atravessadores, também chamados de morcegos. São trabalhadores informais que vasculham o lixo reciclável atrás de eletrônicos antes que o material chegue às cooperativas. Resultado: retiram as partes valiosas e descartam o restante, contaminando o meio ambiente e deixando de devolver às indústrias grande parte da matéria-prima de seus novos eletrônicos.

COOPERMITI - Gestão de Resíduos Sólidos
www.coopermiti.com.br

Rua João Rudge, 366 - Casa Verde - São Paulo-SP
- CEP: 02513-020 - Fone 11 3666-0849 - e-mail: contato@coopermiti.com.br

Do lixão à cooperativa

Comecei a trabalhar no lixão com oito anos. Eu e meus quatro irmãos precisávamos ajudar no sustento da casa e não havia alternativas. Em um dia de chuva muito forte, me lembro de olhar para aquele cenário degradante e desejar um futuro melhor. Foi quando conheci o pessoal da reciclagem e transformei a minha vida por meio do lixo. Sempre pensei em mim, cuidei do meu, mas na cooperativa aprendi a trabalhar coletivamente. Os ganhos se multiplicam se a gente une os esforços. Pouco a pouco fui conseguindo me organizar. Criei meus quatro filhos, terminei minha casa e até comprei um carro com o dinheiro do que as pessoas chamam de ‘lixo’.

Ednalva Inês Correa Souza

50 anos, ex-catadora, mora em Piracicaba e trabalha na Cooperativa do Reciclador Solidário daquela cidade.



“Comecei em um bazar beneficente de bairro e acabei na cooperativa. Lá aprendi a dirigir empilhadeira, caminhão, fiz curso de separação de resíduos eletrônicos...”



Sou catadora, com muito orgulho

Venho de um pequeno município do interior da Paraíba. Na infância, era comum a gente botar fogo nos nossos resíduos pra evitar juntar bicho. Não havia coleta de tipo algum, nem de orgânicos, nem de recicláveis. Em busca de uma vida melhor, mas sem estudos, fui para São Paulo tentar a sorte. Comecei em um bazar beneficente de bairro e acabei na cooperativa. Lá aprendi a dirigir empilhadeira, caminhão, fiz curso de separação de resíduos eletrônicos na USP e aprendi a separar peça por peça do computador, até motor de geladeira, o que gerou ainda mais valor para os nossos produtos. A cooperativa me ensinou que a gente evolui na vida com conhecimento. E que se a gente tiver um olhar diferente sobre o mundo e as pessoas, tudo se transforma. Aprendi a valorizar meu trabalho e tenho muito orgulho dele. Adoro esse nome: catadora, gosto quando me chamam assim. Saber que eu estou ajudando o meio ambiente é uma satisfação muito gratificante. Saber que eu posso olhar os resíduos na cooperativa e entender que aquilo pode se transformar em novos produtos, que pode ajudar pessoas, é uma consciência que eu não tinha, mas que hoje eu tenho, e me enche de vontade de continuar e de contar essas coisas para os outros”.

Renilda Diniz de Souza

62 anos, de Coxixola (PB), trabalha como recicladora na Coopernova Cotia Recicla.

Foto: Reprodução de https://youtu.be/nQD_7j9GAIQ



Renilda de Souza, catadora cooperada



Por meio da linguagem audiovisual, o documentário *Ideias e Ações para um Novo Tempo* apresenta uma narrativa acerca das questões socioambientais emergentes a partir do diálogo entre diversos saberes e conhecimentos científicos, tradicionais e populares, e aponta perspectivas possíveis para modos de viver mais sustentáveis.

Duração: 24'37”

Classificação indicativa: Livre

Acesse o documentário

sescsp.org.br/sescdigital

Sesc
digital

COM O PATROCÍNIO DE

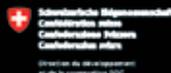


WORLD METEOROLOGICAL ORGANIZATION



Comune di Milano

FINANCIADO POR



Schweizerische Eidgenossenschaft
Confederazione Svizzera
Confederaziun Svizra
Confederaziun elvica

Divisione des développement
et de la coopération SDC

EM PARCERIA COM



Ethical
Fashion
Initiative



UM FILME ART FOR THE WORLD



INTER

ONZE CINEASTAS JUNTAM SUAS

DEPENDEN

FORÇAS PARA FALAREM SOBRE

DENEG

AMBIENTE E MUDANÇAS CLIMÁTICAS

FAOUZI BENSÄIDI MAHAMAT-SALEH HAROUN ÁSA HJÖRLEIFSDÓTTIR
SALOME LAMAS BETTINA OBERLI NILA MADHAB PANDA SHAHRBANOO
SADAT SILVIO SOLDINI DANIELA THOMAS LEON WANG KARIN WILLIAMS

IMAGEM INSPIRADA NO DESENHO SO DE PAVULLA DE MONTEBELLICH.

ASSISTA AOS 11 CURTAS SOB DEMANDA NO SITE DO SESCTV:

www.sesctv.org.br/interdependence

COM A CONTRIBUIÇÃO DE



COM O APOIO DE



PARCERIAS DE MÍDIA



COM PRODUÇÃO



ASSISTÊNCIA DE IMPRENSA



AGÊNCIA DE PUBLICIDADE

